

Era uma vez...

Eni Valentim Torres

um menino baiano de nome Rui – tão pequeno quanto seu nome – que nasceu num dia 5 de novembro do distante ano de 1849. Seus pais sonharam para ele dias felizes e desejaram que fosse culto e importante. Papai João José decidiu educá-lo e cuidava de ensinar-lhe o amor aos livros, à música, à sua prática, enfim. À mamãe Maria Adélia coube a tarefa de fazê-lo conhecer a religião, o amor ao próximo, o respeito e a proteção aos humildes, sobretudo a moral cristã.

E, assim, o menino Rui crescia física, espiritual e culturalmente. Logo se destacou como excelente aluno, graças à privilegiada inteligência e à vontade sempre presente de cada dia aprender mais e mais. Com 15 anos terminou os estudos de humanidades e recebeu uma medalha de ouro. No ano seguinte, lá estava ele recitando seu primeiro soneto e discursando na festa de entrega de prêmios no Ginásio Baiano – onde estudava.

Estudar era a vida do menino baiano. Com 16 anos incompletos matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife. E descobriu uma das suas duas grandes vocações: ser advogado. A outra – diria ele mais tarde – era ser jornalista. Depois, seguiu o menino para São Paulo, onde terminaria o curso de Direito. Quando ele chegou, os colegas ficaram impressionados com vários caixotes de livros que desembarcaram do navio. Já então sua biblioteca era grande.

Em São Paulo, ele antecipava o que seria o homem Rui: escrevia nos jornais da Faculdade, discursava e se envolvia nas questões políticas e sociais. Formado, começou a trabalhar como

advogado em sua terra natal. E também como jornalista, no *Diário da Bahia*.

No Brasil de 1875 a escravidão era discutida e Rui colocou-se a favor dos escravos. Não poderia – é claro – esquecer-se dos ensinamentos recebidos na infância: a defesa dos perseguidos injustamente.

Aos 25 anos encontrou a querida companheira que com ele viveria 46 anos – Maria Augusta, a sua Cota. Deles nasceriam cinco filhos: Maria Adélia, Alfredo Rui, Francisca, João e Maria Luísa Vitória.

À família e à carreira Rui se dedicaria ativa e profundamente.

E foi envelhecendo, lutando e vencendo as dificuldades e os entraves.

Em 1889, Rui trabalhou num jornal muito importante do Rio de Janeiro – o *Diário de Notícias*. E escreveu artigos nos quais analisava a política do Imperador D. Pedro II e seu ministério. Especialmente num desses artigos, o do dia 9 de novembro, Rui pregou a revolução e, segundo alguns estudiosos da nossa História, colaborou dessa forma para a Proclamação da República. No Novo Governo Rui foi escolhido ministro da Fazenda e da Justiça (interino).

Nos anos que se seguiram Rui sempre participaria das questões políticas, quer no Senado, quer nos jornais.

Em todos os fatos importantes e, às vezes, complicados, de nosso País, Rui estava envolvido. Como aconteceu no ano de 1891: a Constituição foi, praticamente, escrita por ele. E como em 1892, quando se envolveu com a questão dos presos políticos que o Governo mandou para o Amazonas. Rui defendeu-os com um *habeas-corpus* – pedido feito pelos advogados ao juiz para garantir a liberdade de locomoção dos presos ilegalmente ou por abuso de poder. E foi o primeiro *habeas-corpus* sobre questão

política na justiça republicana...

Certa vez, estando na direção do *Jornal do Brasil*, Rui publicou a sua defesa aos presos políticos. Era 1893. Então, quando saía da sede do *Jornal do Brasil*, no dia 5 de setembro, foi avisado que aconteceria a Revolta da Armada no dia seguinte. Escondeu-se, porque fora considerado o líder intelectual do movimento. E pediu asilo à Legação do Chile. Em seguida, disfarçado de turista inglês, enganou a polícia do Governo Floriano Peixoto e embarcou para a Argentina – já com a família. Depois, foi para Portugal e, finalmente, para Londres – Inglaterra – onde ficou morando até voltar para o Brasil, em 1895.

Rui sofreu muito durante o seu afastamento da Pátria tão amada. Aqui deixou os amigos, e a sua casa – que começara a comprar no ano de 1893.

Embora distante, Rui continuou a produzir trabalhos importantes. São dessa época as famosas *Cartas de Inglaterra* – publicadas no *Jornal do Comércio*.

No dia 12 de julho de 1895 Rui e sua família – já maior, pois nascera a caçulinha Baby (Maria Luísa Vitória) – voltaram ao Brasil. E Rui foi recebido com grandes homenagens. E, enfim, chegou à casa da Rua São Clemente – a Vila Maria Augusta – onde moraria até a morte.

A Vila Maria Augusta seria o personagem mudo e paciente observador da vida de Rui. Em seus jardins ele passearia e meditaria – com certeza – sobre as grandes questões do País ou sobre as cotidianas questões familiares. Todas as manhãs, bem cedinho, a Vila veria um Rui só a ela revelado: de pijama, podando roseiras e retirando as folhas secas caídas no jardim. À tarde, abriria feliz suas portas para o retorno do cansado trabalhador que, de volta ao lar, viria sempre carregado de livros para a sua biblioteca. Só à Vila foram revelados os segredos do homem Rui,

que se ocultaram sob os seus discursos, as suas conferências, os seus livros, os seus pareceres...

Pôde conhecer o casarão da Rua São Clemente os verdadeiros amigos de Rui e as decepções sofridas nas relações com falsos amigos. Com certeza, alegrou-se, em 1921, com o convite dos formandos de Direito de São Paulo para que Rui fosse o paranin-fô da turma. E se entristeceu com as derrotas sofridas em 1910 e 1919, quando Rui se candidatou à presidência da República.

Não é difícil imaginar o contentamento e o brilho da Vila Maria Augusta, quando Rui retornou da Conferência da Paz, em 1907, consagrado como "Águia de Haia", por ter conseguido suplantar as mais poderosas potências estrangeiras com suas tão brilhantes teorias de igualdade.

À Vila Maria Augusta coube o privilégio de conviver intensamente com o homem Rui. Observou-lhe todos os instantes – isto é, quase todos os instantes. Porque não lhe foi consentido vê-lo partir. Em 1923, quando morreu, Rui estava em Petrópolis.

E, hoje, é possível imaginar a presença de Rui, quando se visita a Vila Maria Augusta. Parece que suas paredes, seus jardins, seus móveis estão cheios de invisíveis sinais reveladores. E são um convite ao sonho e um retorno ao passado... E um desafio, a fim de que não deixemos morrer as propostas do menino baiano compromissado com a justiça e a liberdade.